

A perfeição humana na perspectiva católica de D. João Becker no período de 1912 a 1946*

3

Human perfection in catholic perspective of D. João Becker from 1912 to 1946

Cláudia Regina Costa Pacheco**

Elomar Antonio Calegaro Tambara***

Jorge Luiz da Cunha****

Resumo: Compreender em que medida a figura e a atuação de D. João Becker contribuiu na constituição de um ideal humano, tendo a educação como principal mecanismo para a sua efetivação, configurou-se na principal meta desta investigação. Para isso, examinou-se o período de 1913 a 1946, época em que D. João se constituiu na autoridade máxima da Igreja Católica no Rio Grande do Sul. Este estudo baseou-se numa pesquisa bibliográfica, enfatizando, sobretudo, a análise da documentação histórica referente ao acervo da revista *Unitas*. O trabalho discute a formação de um ideal de homem e sociedade perfeitos veiculado pela revista, fundada por D. João Becker, em 1913. Do exame do referido periódico, sobressaem três categorias de análise: a *educação*, o *homem* e o *sacerdote*. Tais categorias preponderam ao se analisar a perspectiva católica no que tange à perfeição humana. D. João Becker configurou-se num dos grandes protagonistas da reestruturação da Igreja Católica Sul-Rio-Grandense. O artigo divide-se em duas partes: a primeira define o entendimento do conceito de *perfeição humana* para o Catolicismo, e a segunda pondera as três categorias destacadas.

Palavras-chave: História da educação. Perfeição humana. D. João Becker.

* Trabalho desenvolvido no Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

** Professora no Instituto Federal do Rio Grande do Sul – Campus Ibirubá. Doutora em Educação pela UFPel.

*** Orientador – Professor Doutor no PPGE/UFPel. Coordenador do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (Ceihe/UFPel).

**** Coorientador – Professor Doutor no PPGE da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Educação e Memória (Clió) da UFSM.

Abstract: To understand to what extent the image and acting of D. João Becker has contributed in constituting a human ideal with education being the main mechanism for its effectiveness became the main focus of this investigation. To do so, we have examined the period between 1913 and 1946, time when D. João constitutes the highest authority in the Catholic Church at the State of Rio Grande do Sul. This study was based in a bibliographic research emphasizing, above all, the analysis of the historic documents from the *Unitas* Magazine collection. The work discusses the building of an ideal of perfect man and society transmitted by the magazine founded by D. João Becker in 1913. From the examination of the aforesaid periodical, three analysis categories stand out: the *education*, the *man* and, the *clergyman*. Such categories prevail while analyzing the Catholic perspective in respect to the human perfection. D. Becker set in one of the major protagonists in the Catholic Church restructuring in the Brazilian Southern State. The paper is divided into two parts: the first defines the understanding of the *human perfection* concept to Catholicism, and the second, ponders the three highlighted categories.

Keywords: History of education. Human perfectionism. D. João Becker.

Palavras iniciais

O período de 1912 a 1946 constituiu-se numa época de grandes transformações, na qual o arcebispo D. João Becker esteve à frente da Arquidiocese de Porto Alegre – RS/Brasil, configurando-se na autoridade máxima da Igreja Católica Sul-Rio-Grandense. O cerne deste trabalho se estabelece na análise da constituição humana a partir da perspectiva católica, veiculada através dos escritos da revista *Unitas*. Tal análise se dá a partir da compreensão do conceito de *perfeição humana* que se delineava no discurso católico do arcebispo D. João Becker, tanto nas suas inúmeras cartas pastorais quanto nos textos veiculados na revista¹ por ele fundada em 1913.

Ao fazer a análise do conteúdo apresentado na revista *Unitas*, podemos examinar os conceitos de homem e sociedade perfeitos idealizados pela Igreja, de acordo com os princípios católicos na sua vertente mais conservadora, tendo em vista todo um movimento mantenedor dos princípios católicos romanos, chamado “ultramontano”.

¹ Revista *Unitas* – revista eclesialística da Arquidiocese de Porto Alegre.

D. João Becker foi um homem de seu tempo. Soube muito bem se utilizar da palavra escrita para transmitir a sua mensagem. Como estrategista político, sabia o momento de falar e a ocasião de silenciar.

Foram selecionadas três categorias de análise para definirmos o que representou a perfeição humana na perspectiva católica do arcebispo D. João Becker. Foram elas: a *educação*, o *homem* e o *sacerdote*. A *educação* se destacou como mecanismo utilizado pela Igreja Católica para alcançar seu ideal de homem perfeito. A educação representou tanto um limite como uma possibilidade de atingir esse ideal de humanidade. O *homem*, como ser em formação, é produto e produtor da religião. A Igreja Católica, ao se utilizar desse homem, procurou perpetuar a sua doutrina, reafirmando seu papel ante as novas gerações. O *sacerdote*, como servo de Deus, buscou propagar a fé católica e dedicar sua existência a essa função de divulgar às comunidades a doutrina cristã.

Para compreendermos melhor as categorias destacadas, são tecidas, na sequência, algumas reflexões sobre o conceito de *perfeição humana*.

A perfeição humana para o Catolicismo: compreendendo o conceito

Na filosofia medieval, dois períodos são importantes para refletirmos sobre a perfeição humana para o Catolicismo: a *Patrística*, que teve como principal representante Santo Agostinho, que adequou a teoria de Platão aos preceitos do Catolicismo; e a *Escolástica*, representada por São Tomás de Aquino, que se fundamentou na doutrina de Aristóteles.

Confessando suas imperfeições, Agostinho reflete sobre normas de perfeição que são louvadas pela esperança de proveito que anunciam. Santo Agostinho, em sua obra, nos coloca sempre uma busca insaciável por uma verdade, verdade essa que se configurava em Deus. Um Deus incorruptível, perfeito, piedoso, onipotente e justo. Pensamos que é justamente aqui que se fundamenta a noção de perfectibilidade humana, tendo em vista que a busca humana para se tornar a imagem e semelhança de Deus e, por consequência, o homem precisa tornar-se perfeito para se aproximar cada vez mais de Deus.

Contrária à teoria agostiniana, que afirmava que Deus poderia ser conhecido de modo imediato através da intuição, a teoria tomista defendia a ideia de que Deus é cognoscível por comprovação. Dessa forma, foram

estabelecidos cinco argumentos que comprovavam a existência de Deus. Seriam cinco vias que levariam até Deus: 1) o movimento; 2) a causalidade; 3) o possível e o necessário; 4) os graus de perfeição; e 5) a finalidade.

Dos cinco argumentos instituídos por São Tomás de Aquino, sobretudo o quarto permite algumas reflexões sobre a perfeição humana. Para a concepção tomista, as criaturas diferem hierarquicamente em função da sua finalidade divina. Deus, nessa perspectiva, seria o padrão absoluto de perfeição e a causa da perfeição dos demais seres. Constatou-se, desse modo, a existência de diferentes graus de perfeição nos seres.

Os pressupostos citados anteriormente, de certa forma, fundamentaram todo ideário católico da Igreja latina e, sobretudo, da Igreja Católica Sul-Rio-Grandense, que foi implementado pelo Arcebispo D. João Becker. Outros autores também analisaram o conceito de perfeição e nos auxiliam na compreensão desse conceito fazendo o contraponto de ideias sobre a constituição de um ideal humano que buscava ser semelhante à perfeição divina.

John Passmore (2004, p. 35), filósofo australiano, destaca que a palavra grega *teleios* pode ser traduzida como *perfeito*. O vocábulo está etimologicamente relacionado com *telos* (fim, finalidade) – a relação entre perfeição e a consecução de uma finalidade estando, como se fora, inscrita nela. A palavra inglesa *perfect* [perfeito], contudo, deriva, posteriormente, através do inglês medieval, do latim *perficere*, cujas raízes são *facere* [fazer], e do prefixo *per*, “por completo, através”. O perfeito, portanto, é etimologicamente definível como aquilo que é “feito por completo”, “completado”.

Para Passmore (2004) a perfeição pode ser entendida a partir de muitas interpretações. Três delas se destacam para o autor: a perfeição técnica, a perfeição obedecente e a perfeição teleológica. A primeira delas se constitui num conceito bastante genérico (e, por isso, desprovida de qualquer conotação moral), baseando-se no talento, na destreza ou na competência para um determinado ofício, cargo ou trabalho. A segunda significação se refere à obediência a Deus e ao seu projeto para o homem. Englobando a perfeição técnica, esse segundo tipo está relacionado à vocação para servir os demais seres humanos. A terceira, por sua vez, estaria relacionada ao princípio de que alguma coisa deve alcançar sua finalidade natural. Aqui associa-se o conceito de *eudemonia*, no qual o ser humano sendo perfectível, movimentar-se-ia para atingir o seu bem-estar, a sua felicidade, sob o

comando da razão. Nessa última interpretação, são agregadas as contribuições de São Tomás de Aquino, que analisou a perfectibilidade como possibilidade de concretização das potencialidades humanas.

Percebemos, após a análise desses autores, que a perfeição pode ser concebida através de diferentes perspectivas, porém o que se assemelha entre os diferentes autores e que embasa a concepção católica de perfeição é que o homem, na sua busca incessante pela perfeição, procura chegar mais próximo de Deus, que é tido como a perfeição absoluta.

Tambara (1995) observa que o perfil ideológico da Igreja Católica no início do século apresentou-se composto fundamentalmente pela justaposição de duas cosmovisões: a ideia de cristandade e a ideia de sociedade perfeita. A ideia de cristandade “baseava-se em concepção oriunda da Idade Média, cuja proposta principal era a integração entre Igreja e Estado”. (p. 413). Já a ideia de sociedade perfeita “originou-se, fundamentalmente, a partir do Concílio de Trento (1545-1563) e concebia a instituição Igreja perfeita em si mesma, sem uma vinculação necessária com o Estado”. (p. 414).

D. João Becker (1935) defende o destino do homem como sendo uma busca pela perfeição da parte mais alta e divina do seu ser, de suas mais nobres e excelentes faculdades, o que o levaria ao conhecimento da verdade, a posse do bem, numa união íntima com Deus pela visão e pelo amor. Diante disso, podemos salientar que a Igreja se engajava em vários movimentos na década de 30 (séc. XX), visando a apresentar-se como a instituição essencial para combater os males que afligiam a sociedade e a única apta a orientar o caminho *ideal* aos homens. (TONINI, 2003, p. 39).

Para manter os alicerces da sociedade perfeita, exigia-se dos católicos² o sacrifício pela religião, pela pátria e pela família. O homem é naturalmente

² Cabe destacar que no ano de 1917, “a revista *O Echo* publicou 16 mandamentos para *um bom brasileiro*, onde estava expressa, com clareza, a contribuição que a Igreja estava dando ao poder republicano brasileiro e gaúcho e também as reivindicações que fazia para si. O texto é o seguinte: “1 – *O bom brasileiro sacrifica-se pela religião, pela pátria e pela família.* 2 – *Exerce a máxima honestidade na função pública e é todo virtudes e carinhoso no lar.* 3 – *Presta-se de bom grado a ser soldado, eleitor, jurado e contribuinte.* 4 – *Descobre-se perante os símbolos da pátria, a bandeira, o hino e o chefe do Estado.* 5 – *Respeita as leis e as autoridades.* 6 – *Consagra as glórias e as datas nacionais.* 7 – *Divulga a instrução e a verdade.* 8 – *Ajuda a manter a ordem e a moral.* 9 – *Trabalha e economiza para a prosperidade sua e da pátria.* 10 – *Protege tudo que seja brasileiro.* 11 – *É hospitaleiro para com os estrangeiros e respeita-lhes as crenças.* 12 – *Exige uma justiça severa e não pede ao Estado interesses propriamente pessoais.* 13 – *É católico, apostólico romano.* 14 – *Acompanha o progresso das outras nações.* 15 – *Mantém o culto da honra política e pessoal.* 16 – *Ouve com a maior obediência as autoridades da Igreja e cumpre restritamente os mandamentos da lei de Deus.*” (GIOLO, 1997, p. 296-297).

social, sendo por isso forçado a viver em sociedade com os outros homens. De acordo com Padovani e Castagnola (1962), a primeira forma de sociedade humana é a família, de que depende a conservação do gênero humano; a segunda forma é o Estado, de que depende o bem comum dos indivíduos. Embora o Estado seja completo em seu gênero, fica, porém, subordinado, em tudo quanto diz respeito à religião e à moral. A terceira forma é a Igreja que tem como finalidade o bem eterno das almas.

Dessa forma, a constituição humana somente se daria de forma profícua, na medida em que a busca pela perfeição (eterna busca para chegar mais perto de Deus) se tornasse algo inabalável, ou seja, a perfectibilidade se tornasse uma constante na vida dos católicos. Nesse sentido, a educação se configura em um elo que vai unir a formação de um homem e de um sacerdote ideal constituindo igualmente uma “sociedade ideal”.

Três categorias: a educação, o homem e o sacerdote

Para compreender o ideal de homem e de sociedade perfeitos na concepção católica do arcebispo D. João Becker, foram eleitas três categorias básicas: a *educação*, o *homem* e o *sacerdote*.

A educação representou para a doutrina católica uma possibilidade, assim como um limite para se alcançar o ideal de homem e de sociedade perfeitos. Nos mais distintos periódicos e, principalmente, na revista *Unitas*, a educação se apresenta como promotora da felicidade humana, seguindo os preceitos da fé católica. Nesse sentido, apareciam, com frequência, textos na revista *Unitas* mostrando a Igreja como organizadora da sociedade humana e reforçando o crucial papel da juventude. (TONINI, 2003, p. 42).

A constituição/formação humana estabelecida através da educação se dava, num primeiro momento, no âmbito familiar, que desde cedo já devia transmitir a mensagem católica ao *ser* em formação. Nessa perspectiva, o discurso veiculado na revista *Unitas* destacava que

por isso, ordena a Igreja no Direito Canônico: “Todos os fiéis devem ser educados de tal forma, desde a sua infância, que nada se lhes inculque contrário à religião católica e aos bons costumes, sendo preciso que o primeiro lugar obtenha a formação religiosa e moral”. [...] A educação cristã, diz Pio XI, compreende todo o âmbito da

vida humana, sensível e espiritual, intelectual e moral, individual, doméstica e social. (UNITAS, 1941, p. 35-36).

Para Tonini (2003), a preocupação maior da Igreja Católica com os jovens estava justamente por pensar que o futuro estava nas mãos da juventude. Dessa forma, via nos jovens uma possibilidade de restituir o poder que estava sendo perdido por parte da instituição católica. A conduta dos jovens representaria, no futuro, a conduta da sociedade. Por esse motivo, a Igreja sempre ressaltava a importante missão dos jovens perante a sociedade futura.

A Igreja tomava para si a tarefa educadora da sociedade, salvando-a dos perigos de uma *má-educação*. Conforme podemos analisar neste trecho de um texto veiculado na revista *Unitas*.

A Igreja tem de exercer a sua tarefa educadora. Não pode abandoná-la, sem que renegue a sua missão divina. Pois, ensinar a doutrina de Cristo a todas as nações e durante todos os séculos, é seu destino supremo. E esses direitos da Igreja não dependem da benevolência ou arbítrio de Estados ou governos. Porque tem sua razão em esferas superiores e tutelam valores dos maiores quilates. (1941, p. 35).

“Sobre o direito de educar” foi o título dado ao texto de D. João Becker, publicado na revista *Unitas*, no ano de 1941. Esse mesmo artigo foi publicado anteriormente em *A Nação*, de 10 de novembro de 1940. Nesse texto, o arcebispo aborda os fatores que deviam harmonicamente colaborar para a constituição de uma educação perfeita desde a infância. Para ele, desde a tenra idade, família, Igreja e Estado deviam se articular de modo a formar os jovens. O direito de educar caberia, em primeiro lugar, aos pais, que teriam o direito de dirigir a educação e a formação intelectual e a religiosa dos seus filhos.

Dando vida a um novo ser, cabia aos progenitores dar à sua prole uma boa instrução. D. João Becker observa que o código canônico prevê que os pais têm obrigação “gravíssima” de cuidar, segundo as suas forças, da educação religiosa, moral, física e civil dos filhos e também de prover o seu bem-

estar temporal. Mesmo com essa função, a família é uma sociedade limitada, enfatiza D. João Becker. Para o arcebispo a ação da família, ainda que importante, é insuficiente para o completo desempenho da missão educativa. É por isso que Igreja. Estado vêm em seu auxílio para aperfeiçoar e completar a educação.

A Igreja tem como deveres a pregação e o ensino da doutrina tanto quanto a fé e os costumes. Já o Estado, responsável pela promoção do bem comum da coletividade social, deve manter a paz e a segurança pública. Assim, deve intervir na formação cultural e na científica dos cidadãos, que, de acordo com D. João Becker, essa formação seria uma das colunas da prosperidade humana. Para ele, a educação seria a base da felicidade temporal e eterna do indivíduo, isto é, o mais poderoso fator da vida e prosperidade dos povos, esperança e força da Igreja Católica.

A conjuntura favoreceu enormemente as pretensões da Igreja, encontrando um ambiente receptivo à sua ação por parte da população (que sempre se ufanou de ser católica, apostólica e romana), sobretudo na região de imigração; e também da parte do governo que, embora positivista, garantiu constitucionalmente um espaço para a expansão das Igrejas e para a ação educacional de entidades privadas.

Como condutora da humanidade, a Igreja ditava diretrizes com relação à educação que eram extremamente coercitivas. Ensinar a *verdade* (e essa verdade em defesa do *Catolicismo*) era a principal função da educação, essa que seria um instrumento de disseminação da *verdade* católica para a sociedade, enfatizando a importância da Igreja para a constituição humana. Seguindo essa prerrogativa, o ensino das *verdades* do Catolicismo seria o antídoto eficiente para a salvação da humanidade “doente”, nas suas diferentes gerações.

Como salvação ou remédio, o Catolicismo vai se impondo nos diferentes contextos históricos, mantendo sua hierarquia, reestruturando suas bases, seguindo os ditames de Roma. Santo Agostinho, em muitos momentos, é tomado como mestre no sentido de amparar e, até mesmo, de justificar a fé católica.

A Igreja (como salvadora da humanidade) se utilizava de toda uma organização que a fez importante no contexto histórico no qual estava inserida. De acordo com Eicher (1993), sociologicamente, pode-se considerar

a Igreja como a forma organizada e autônoma de uma comunidade religiosa (regularmente cristã). Para o autor, as ciências sociais estão, contemporaneamente, em condições de demonstrar que nenhuma comunidade consegue continuidade sem um modelo relativamente estável de papéis, tarefas e atividades comuns, mas as comunidades estáveis têm sentido porque (e na medida em que) a liberdade do indivíduo somente se concretiza dentro delas.

Na Carta Encíclica sobre a educação cristã da juventude, o Papa Pio XI estabeleceu as sociedades necessárias para a efetivação da formação humana, ressaltando a importância da tarefa da instituição Igreja. De modo geral,

a educação é obra necessariamente social e não singular. Ora, são três as sociedades necessárias, distintas e também unidas harmonicamente por Deus, no meio das quais nasce o homem: duas sociedades de ordem natural, que são a família e a sociedade civil; a terceira, a Igreja, de ordem sobrenatural. (UNITAS, 1930, p. 70-71).

A família apresenta como função primordial a procriação e a educação da prole, mesmo assim é vista pela Igreja como uma sociedade imperfeita por abranger apenas o domínio temporal. A sociedade civil, do mesmo modo, é considerada imperfeita na sua função temporal justamente por não envolver o âmbito espiritual, campo esse destinado à Igreja Católica e, por esse motivo, institui-se a sua perfeição ao chegar mais próximo de Deus.

Como instituição perfeita, a Igreja proclama-se *santa, católica, apostólica* e *una*. À Igreja, de modo sobre-eminente, foi dada a missão e a autoridade supremas do magistério pelo “divino fundador”:

Todo o poder me foi dado no céu e na terra. Ide pois, ensinae todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo: ensinando-os a observar tudo o que vos mandei. E eu estarei comvosco até á consummação dos séculos”. (Matth., XXVIII, 18-20). A este magistério foi conferida por Christo a infallibilidade juntamente com o preceito de ensinar a sua doutrina; assim a Igreja “foi constituída pelo seu Divino Autor

columna e fundamento da verdade, afim de que ensine aos homens a fé divina cujo deposito lhe foi confiado para que o guarde integro e inviolável, e dirija e prepare os homens, as suas associações e acções em ordem á honestidade de costumes, integridade de vida, segunda a norma da doutrina revelada. (Pius IX, Ep. Quum non sine, 14 jul. 1864). (UNITAS, 1930, p. 71-72).

À Igreja Católica também coube o papel da maternidade sobrenatural. Considerando-se esposa imaculada de Cristo, ela gera, nutre e educa as almas na vida divina, através de seus sacramentos e seu ensino. “Não terá Deus como Pae quem se tiver recusado a ter a Igreja como Mãe.” (UNITAS, 1930, p. 72).

Tendo em vista a sua “superioridade” espiritual em relação às outras instituições temporais, a Igreja se diz independente de qualquer autoridade terrena, tanto na origem como no exercício da sua missão educativa.³

Por isso em relação a qualquer outra disciplina, e ensino humano, que considerado em si é patrimônio de todos, indivíduos e sociedades, a Igreja tem direito independente de usar d'elle, e sobretudo de julgar em que possa ser favorável ou contrario á educação christã. E isto, já porque a Igreja, como sociedade perfeita, tem direito aos meios para seu fim, já porque todo o ensino, como toda a acção humana, tem necessaria relação de independência do fim ultimo do homem, e por isso não pode subtrair-se ás normas da lei divina, da qual a Igreja é guarda, interprete e mestra infallível. (UNITAS, 1930, p. 72).

³ Buscando *salvar* as almas, a Igreja fundou e manteve escolas e instituições próprias abrangendo todos os gêneros de disciplinas e todos os graus de cultura. A Igreja Católica foi responsável por uma “grande multiplicidade e variedade de escolas, associações e todo o gênero de instituições tendentes a formar a juventude na piedade religiosa, juntamente com o estudo das letras e das sciencias e com a mesma recreação e cultura physica. E nesta inexaurível fecundidade de obras educativas, como é admirável, ao mesmo tempo que insuperável, a providencia maternal da Igreja, admirável é a harmonia acima indicada, que ella sabe manter com família christã, a ponto de poder dizer-se com verdade, que a Igreja e a família constituem um único templo de educação christã”. (UNITAS, 1930, p. 93-94).

A família, como primeiro espaço de socialização, aliada da Igreja ao educar a sua prole, precisava orientar religiosa e moralmente as novas gerações. Outra preocupação estava relacionada ao ambiente da educação. Assim,

para obter uma educação perfeita é de summa importância cuidar em que as condições de tudo o que rodeia o educando, no período da sua formação, isto é, o complexo de todas as circunstancias que costumam denominar-se “ambiente”, corresponda bem ao fim em vista. (UNITAS, 1930, p. 91).

A família como ambiente natural e necessário à educação, para ser eficaz em sua tarefa educativa, precisa estar bem-ordenada e disciplinada de acordo com os preceitos cristãos. Já o ambiente educativo da Igreja abarcava tanto os sacramentos e os ritos quanto a linguagem da liturgia e da arte. A escola concebida como espaço complementar da família, a Igreja devia harmonizar-se com os ensinamentos dessas duas instituições.

Bons educadores contribuiriam na formação do verdadeiro e perfeito cristão. Tal tarefa se estende por toda a vida humana, visando, permanentemente, ao aperfeiçoamento do homem em direção a Cristo. O “verdadeiro e perfeito cristão”, na sua nobreza de caráter e conveniência à sociedade

em vez de renunciar às obras da vida terrena ou diminuir as suas faculdades naturais, antes as desenvolve e aperfeiçoa, coordenando-as com a vida sobrenatural, de modo a ennobrecer a mesma vida natural, e a procurar-lhe utilidade mais eficaz, não só de ordem espiritual e eterna, mas material e temporal. (UNITAS, 1930, p. 102).

A educação cristã era considerada superior a qualquer método pedagógico moderno. Tais métodos se não estivessem de acordo com a moral cristã eram avaliados como imperfeitos e prejudiciais ao homem. A educação cristã dos jovens, iniciada ainda no seio materno, com o auxílio da Igreja, era complementada no âmbito escolar.

A educação para o arcebispo D. João Becker devia ser tanto moral quanto religiosa. *Moral* no sentido de formar os jovens a partir de princípios firmes e justos e *religiosa*, uma vez que “os princípios não tiram sua perfeita certeza e plena segurança senão da religião. Com efeito, a educação requer uma reta formação da vontade; mas a forma da retidão é a própria moralidade, que é ligada à religião como ao seu fundamento”. (23ª Carta Pastoral de D. João Becker. UNITAS, 933, p. 368).

O cuidado da Igreja Católica para com os jovens não foi de maneira alguma impensado. Configurou-se muito mais em uma estratégia do que propriamente em um serviço prestado à sociedade. Dessa maneira, a preocupação com a formação humana esteve atrelada à necessidade de manter o ideário católico através das diferentes gerações.

A constituição do homem, para o Catolicismo, poderia não só capacitar o homem para o desenvolvimento de suas atividades e a convivência em sociedade, mas também difundir os valores católicos.

A tarefa do aperfeiçoamento humano era constante, desde a mais tenra idade até a sua morte. A formação da alma da criança sempre foi preocupação para a Igreja Católica. Assim como a criança, os jovens eram comparados à “cera branda”, que toma qualquer forma que se lhe imprima, ou ainda como “terra fofa”, onde a semente nasce de pronto.

A Igreja Católica doutrinava os homens para que se aperfeiçoassem nos ensinamentos de Cristo para se tornarem cada vez mais santos à imagem de Deus. Aperfeiçoando-se na doutrina católica e agindo de acordo com os seus preceitos, o jovem se tornaria um homem de bem, de caráter. O aprimoramento humano deveria se dar ao longo de toda a vida, e a Igreja era a grande responsável por ratificar permanentemente os mandamentos de Cristo.

Eis ahi o homem ensinado, fortificado e enobrecido pelos sacramentos nas diversas circunstancias da vida. Estes heróes foram vistos pelos séculos christãos, vestidos de todos os trajes, empunhando sceptros e cajados, em todas as classes da sociedade, e ainda hoje os vemos em nossas cidades e nos campos, onde são uma verdadeira honra dos povos e uma genuína gloria das pátrias. Portanto, a importância dos sacramentos relativamente á sociedade,

á sua prosperidade, á sua mesma existência: é a importância e necessidade da alma com relação ao corpo, da seiva com referencia á arvore, da base relativamente ao edificio e da respiração relativamente á vida. (UNITAS, 1923, p. 50-51).

Em sua 10ª Carta Pastoral, D. João Becker reflete sobre o homem de sua época e os perigos que o não seguimento dos princípios cristãos poderia ocasionar à humanidade. Ele destaca que

os homens já não reconhecem no seu próximo, como lhes ordena a lei christã, um irmão, mas um estranho e um inimigo; já desapareceu o sentimento da dignidade pessoal e o valor da própria natureza humana, no meio do brutal domínio da força e do numero; os homens não se occupam sinão em explorar uns aos outros, com o fim único de gozar mais fácil e amplamente os bens desta vida; todos correm loucamente após os bens materiaes e temporaes e vivem esquecidos dos bens espirituaes e eternos, aos quaes o divino Redemptor constantemente nos convida, pelo magistério da sua Igreja. Ora, os bens materiaes, quando buscados desordenadamente, tornam-se, por sua natureza, a raiz de todos os males, especialmente da depravação moral e das discórdias. Na realidade, de um lado, não podem esses bens, em si mesmo desprezíveis e limitados, satisfazer as nobres aspirações do coração humano, que, creado por Deus e para Deus, sente-se necessariamente inquieto, até que repouse em Deus; de outro lado, – ao contrario dos bens espirituaes, que quanto mais se nos communicam, tanto mais nos enriquecem, sem nunca diminuir, – os bens materiaes, quanto mais se repartem entre muitos, tanto mais diminuem para cada um, sendo necessário subtrahir a uns aquillo que se distribue aos outros; de forma que não podem jamais contentar a todos igualmente, nem satisfazer inteiramente a ninguém, com o que se tornam fonte de discórdias e afflicção de espírito, como os experimentou o sábio rei Salomão. (10ª Carta Pastoral de D. João Becker. (UNITAS, 1923, p. 107).

O afastamento dos homens dos ensinamentos de Cristo os leva ao abismo de muitos males. De acordo com os princípios católicos, o homem deveria alcançar seu último fim por meio de sua atividade pessoal em harmonia com a norma objetiva e a norma subjetiva da moralidade, ou seja, em concordância com a lei e com a consciência. Tais normas se infringem pelo pecado e são as virtudes que as facilitam.

D. João Becker acreditava que o homem deveria sujeitar-se a um regime superior, a uma vontade divina. Para o arcebispo, o sinal característico da mentalidade cristã seria a humildade. O homem deveria ser humilde e obediente à religião que lhe ensinaria a sua origem, a sua missão e o seu destino. Em contrapartida, o que se via, na realidade temporal, não era isso.

A não obediência aos valores católicos ocasiona a não existência do dever moral para com o “legislador supremo” (Deus). Para D. João Becker, a solução para isso estaria na consciência. Para o arcebispo, conforme a 13ª Carta Pastoral,

é verdade que a consciência é a norma próxima das acções humanas, mas não a última lei. É preciso formar a consciência de acordo com a verdade e as leis existentes. Por ser o homem uma criatura, obra das mãos de Deus, nunca poderá ser completamente autónomo. A lei moral é, com efeito, a lei natural do homem, mas como a natureza humana foi criada, referem-se também todas as leis nella radicadas, em última linha, a Deus mesmo. Só quem considerar o homem como um ser absoluto, poderá defender sua autonomia incondicional, o que repugna á essência e á natureza do próprio homem. (UNITAS, P1924, p. 271).

D. João Becker afirmava que a lei moral deve dirigir os atos do homem. Para ele, o homem deveria cumprir suas obrigações na esfera de sua atividade e aceitar com paciência a sua condição. Ratificava também o sistema de classes, confirmando a impossibilidade de serem, na sociedade civil, todos elevados ao mesmo nível. Criticava o comunismo que ia de encontro a essas leis ditas da natureza. Para o arcebispo, na vida social, uns se consagravam mais ao trabalho intelectual, outros à atividade comercial,

industrial e/ou agrícola. Do conjunto das diferentes atividades surgiria a harmonia social. Acabar com as desigualdades seria destruir a própria humanidade.

Assim,

como numa laranjeira todas as folhas são semelhantes umas ás outras, mas todas deseguaes entre si, assim na sociedade todos os homens têm a mesma natureza, porém differem entre si pela intelligencia, pela energia de sua vontade, pelas suas forças phisicas, pela sua contracção ao trabalho e pelo seu talento. A pretensão de uniformizar, portanto, todas as condições sociaes é uma utopia que nenhuma subversão política ou reforma econômica poderá conseguir. (UNITAS, 1930, p. 297).

A harmonia e a felicidade da sociedade somente seria alcançada se os homens se voltassem para Cristo, respeitassem o seu Evangelho e adorassem sua cruz. A perfectibilidade humana, ou seja, a possibilidade de se aperfeiçoarem em direção a Cristo se estabelece através da educação conforme afirmamos em páginas anteriores. Os homens criados por Deus, à sua imagem e semelhança, foram a ele destinados, têm na educação a oportunidade de chegar à sua perfeição mais alta.

O cuidado com a constituição humana era, para a Igreja Católica, fundamental. A educação cristã deveria cooperar com Deus para o aperfeiçoamento dos indivíduos e da sociedade, enquanto a educação imprime nos espíritos a primeira, a mais poderosa e duradoura direção na vida. D. João Becker afirmava que não seria possível ao homem sozinho alcançar todos os conhecimentos, seria, a ele, necessário viver em sociedade e que um ajudasse o outro.

Em sua 21ª Carta Pastoral, D. João Becker enfatizou que a vida em sociedade se impõe ao homem fatalmente. O conjunto de indivíduos forma a sociedade. Por esse motivo, nem o homem nem a vida social pode se separar da religião, e a dependência a Deus é análoga tanto para a sociedade quanto para os homens.

Como primeiro dever do homem, a religião deveria ensinar quais são os ofícios que ligam o homem a Deus. De acordo com o arcebispo, a

doutrina cristã, além das verdades e deveres naturais que o homem teria podido conhecer através da razão, abrange também verdades e deveres sobrenaturais que nunca havia de chegar a conhecer sem o auxílio da revelação divina. A revelação é concebida aqui como manifestação da verdade, podendo ser revelação humana ou revelação divina. A partir das verdades reveladas, o homem segue em busca de sua perfeição. “Santo Agostinho declara a mesma verdade em termos diferentes: ‘O homem não descança, continua irrequieto até que chegue a Deus, causa de sua origem’.” (UNITAS, 1934, p. 293).

Para o arcebispo D. João Becker, as virtudes morais têm por objeto as inclinações e propensões do homem, são elas que lhe aperfeiçoam a vontade pela prática do bem e pelo reto uso da razão. As virtudes, segundo sua origem, podem ser naturais ou sobrenaturais. As naturais adquirem-se pelo exercício pessoal, já as sobrenaturais são geradas por Deus.

Jesus Cristo, como *Messias*, constituiu-se para o Catolicismo no supremo exemplo de perfeição a ser seguido. Detentor de todas as virtudes, configurou-se no modelo ideal dos homens; seria ele a lei e a norma, segundo as quais se haveria de dirigir a vida humana.

Para o arcebispo D. João Becker

o homem sente no seu coração uma inclinação irresistível para o ideal, para o perfeito, e enquanto seu olhar não encontra esse modelo, vive entregue ao descontentamento e intermináveis inquietações. E onde essa nobre tendência não mais impulsiona o coração, ali a vida perde toda a sua importância e sublimidade, morre o entusiasmo para os grandes feitos e foge a base em que se estribam a nobreza dos affectos, a esperança do coração, e a alegria da vida. (UNITAS, 1920, p. 259).

Jesus Cristo, ao se fazer homem, constituiu-se no ideal de homem para todas as vocações e estados de vida, para toda idade e sexo, tanto para os que já alcançaram um alto grau de perfeição, como àqueles que apenas deram o primeiro passo em direção a ela.

A categoria *sacerdote* se destacou neste estudo, sobretudo, por ser o principal alvo da revista *Unitas*. D. João Becker, como bom estrategista, soube se utilizar da revista como possibilidade de capacitar o Clero gaúcho

através de uma formação contínua. A revista buscava inculcar nos sacerdotes a ideia de uma Igreja única, o que exigia por parte de seus membros atitudes coerentes com os princípios católicos. A revista serviu de instrumento de socialização desses princípios reforçando a formação sacerdotal e revigorando a missão clerical. O revigoramento dessa missão se estabelecia pelo constante destaque feito à importância da função do sacerdote na sociedade.

Os sacerdotes eram para D. João Becker combatentes de um exército em defesa da Igreja Católica, representante de Deus na sociedade. Não haveria outra possibilidade de se alcançar a felicidade sem ter a religião como base, mediada pela doutrina católica. Para ser um desses defensores da Igreja, o esmero era fundamental.

O desempenho dos sacerdotes na comunidade implicaria o aperfeiçoamento da sociedade através dos ensinamentos proferidos e o aprimoramento deles próprios como homens e servos de Deus. O Clero deveria se constituir numa espécie de espelho no qual os fiéis se enxergariam. Dessa forma,

é mister que os fiéis vejam no seu pastor as virtudes que ouvem enaltecer no púlpito, aliás a pregação será frutosa. O sacerdote deve ser homem de oração e meditação. Pois pela oração alcança de Deus a entrada para os corações de seus fiéis e do Espírito Santo o conselho para os guiar”. (UNITAS, 1914, p. 34).

D. João Becker tentava disciplinar o Clero afirmando que os sacerdotes disciplinados alcançavam grandes sucessos. Em 1943, ao prefaciar o *Compêndio da moral católica*⁴ destacou que era fundamental que os sacerdotes recordassem doutrinas estudadas, orientando-se em questões complexas. Os compêndios seriam instrumentos elucidativos de determinados assuntos da Teologia Moral. Seguindo uma vertente conservadora, ele via, na união de um Clero disciplinado, a possibilidade de reforçar a autoridade e a hierarquia da Igreja Católica.

⁴ O *Compêndio da moral católica* escrito pelo Padre Heriberto Jone foi traduzido da 10ª edição original e adaptado às prescrições do Concílio Plenário, bem como ao Código Civil brasileiro pelo Padre Roberto Fox.

Pela união dos fieis aos Sacerdores, dos Sacerdotes aos Bispos, e os Bispos ao Summo Pontifice forma-se o santo rebanho de Christo, a Igreja Catholica, grandiosa obra de Deus que é a admiração dos homens e dos anjos. [...] Os sacerdotes são pastores. Como o rebanho sem pastor se desgarrar, presa de animaes ferozes, assim o povo catholico sem sacerdotes se dispersaria, victima de falazes demagogos. (UNITAS, 1914, p. 32).

A hierarquia da Igreja como numa pirâmide precisava de bases fortes. Tais bases deveriam seguir coerentemente as ordens de seus superiores e assim sucessivamente. Num período ultramontano, o Papa representou o pino da pirâmide e é ele quem decide em última instância.

Para revigorar as bases da pirâmide hierárquica da Igreja, D. João Becker apresentava os sacerdotes como instrumentos de salvação da sociedade diante dos muitos perigos encontrados na época. Um exemplo desses perigos seria a imoralidade. “A immoralidade tanto se alastrou e gosa de tanta tolerância na publicidade, que alguém poderia pensar, que já não é vicio. Quem nos poderá salvar della? Só o sacerdote.” (UNITAS, 1914, p. 32-33). Somente o sacerdote católico seria “capaz de fazer frente a este inimigo temeroso, porque sae a campo, auxiliado pelas forças dos sacramentos, da oração, e do exemplo da sua vida casta”. (UNITAS, 1914, p. 33).

A coerência e o discernimento eram elementos essenciais na atuação do Clero. Como pastores deveriam guiar o rebanho pelos caminhos de Cristo. Dessa forma,

há de ser pastor, e assim deve saber discriminar as doutrinas boas das más, a verdade do erro; isto tanto mais em nossos dias, onde a impiedade procura mascarar os seus erros com o manto da sciencia. Portanto há de estar versado nas verdadeiras e solidas sciencias. (UNITAS, 1914, p. 34).

Defender o Catolicismo e manter a hegemonia da Igreja Católica no contexto sul-rio-grandense eram prioridades tanto na formação quanto na atuação do Clero. Aos fiéis cabia a obediência aos representantes de Deus

na Terra. Eram eles, ao deter o poder espiritual, que teriam condições de orientar os católicos pelos caminhos da fé e do aprimoramento.

Ser fiel à doutrina católica não era uma tarefa fácil, cabia aos sacerdotes cultivarem o sentido, o significado e a importância de ser católico no coração dos gaúchos. Para isso era necessário que o Clero apresentasse algumas características. Os sacerdotes assemelhavam-se aos apóstolos escolhidos por Jesus Cristo para disseminar a fé cristã. Assim como os apóstolos, os sacerdotes sentiam-se felizes junto de Cristo e deveriam transmitir a todos os ensinamentos de Jesus. Cabe salientar que diante de um contexto adverso, a Igreja Católica Sul-Rio-Grandense se reorganizava através de reforço de seu quadro hierárquico. O chamado para o sacerdócio era comparado ao chamado de Jesus aos apóstolos.

Dessa forma, salienta-se que o chamado para o sacerdócio exigia total entrega a Deus, independentemente das ações realizadas no passado. Desse modo, D. João Becker incentivava todos a seguirem a missão clerical.

Palavras finais

Podemos concluir que a Igreja Católica se considerava uma educadora soberana e perfeita e, por meio da atuação de seu Clero, sob o comando de D. João Becker, buscava “inculcar” seus ideais mesmo em contextos político-econômicos adversos. Sem dúvida, a atuação católica no período analisado foi extremamente marcante e influenciou a estrutura educacional hodierna.

As categorias: *educação*, *homem* e *sacerdote* foram eleitas, dentre muitas outras que foram verificadas na revista *Unitas*. Mas, sobretudo, essas serviram de base para a reflexão de todo o movimento romanizador da Igreja Católica. Foram, especialmente, esses três elementos as principais defesas para o Catolicismo reformador. Nessa perspectiva, para o Arcebispo D. João Becker, eram necessários bons pastores para formar um bom rebanho, e a educação, nesse sentido, seria uma excelente aliada.

A criação da revista *Unitas* foi uma alternativa para isso. Ao tentar unir o Clero, D. João Becker buscava unificar o discurso católico tornando-o mais forte de maneira a poder vencer os embates diários contra a fé católica. Com um Clero unido e forte, a Igreja Católica se reestruturava, fortalecendo-se perante a sociedade gaúcha. A partir disso, poderia difundir seu ideário aos homens e neles formar seguidores.

As categorias examinadas neste estudo preponderaram ao se analisar a perspectiva católica no que se referia à perfeição humana. A educação se destacou como mecanismo utilizado pela Igreja para alcançar seu ideal de humanidade. O homem, por sua vez, foi visto pela Igreja como possibilidade de perpetuar a sua doutrina, reafirmando o papel do Catolicismo ante as novas gerações. O sacerdote, ao propagar a fé católica, consagrou sua existência a essa função de divulgar nas comunidades a doutrina católica.

Referências

BECKER, Dom João. *Normas de renovação social*: Vigésima quinta carta pastoral. Porto Alegre: Centro da Boa Imprensa do Rio Grande do Sul, 1935.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

PASSMORE, John. *A perfectibilidade do homem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

REVISTA *UNITAS*. Revista Ecclesiastica da Archidiocese de Porto Alegre. Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1913-1946.

TAMBARA, Elomar. *Positivismo e educação*: a educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo. Pelotas: Universitária, 1995.

TONINI, Veridiana Maria. *Uma relação de amor e ódio*: o caso de Wolfran Metzler (Integralismo, PRP e Igreja Católica, 1932-1957). 2003. Dissertação (Mestrado) – UPF, Passo Fundo, 2003.

**Recebido em 3 de abril de 2012.
Aprovado em 9 de maio de 2012.**